

Apresentação

Baseados em fontes diversas, no privilegiamento de inúmeras características e em diferentes interpretações, procuramos empreender, nesta obra coletiva, análises em torno do termo *cultura escolar*, que emerge na literatura educacional, não por acaso, no momento em que a reflexão sociológica, antropológica e histórica, sobre a escola, volta-se para os aspectos internos da instituição educativa. O foco das investigações vai sendo erigido sobre as práticas escolares cotidianas, o desenvolvimento efetivo do currículo, a construção do conhecimento escolar, o funcionamento do dia-a-dia dessa instituição, a organização dos alunos e dos professores e outros elementos que tentam compreender o complexo processo de introduzir as gerações mais novas num sistema de valores que lhes precede.

Dessa forma, o termo *cultura escolar* adquire uma significativa potencialidade explicativa e passa a se constituir em objeto de pesquisa e, de certa maneira, em uma abordagem aglutinadora, especialmente no campo da História da Educação, no qual tem sido amplamente empregado, associado à reconceitualização do trabalho histórico em educação.

O conceito de *cultura escolar*, justamente por ser recente, vem sendo utilizado com acentos diversos por inúmeros autores. Para Jean-Claude Forquin (1993), esta expressão refere-se ao “conjunto dos conteúdos cognitivos e simbólicos que, selecionados, organizados, ‘normalizados’, ‘rotinizados’, sob o efeito dos imperativos de didatização, constituem habitualmente o objeto de uma transmissão deliberada no contexto das escolas” (p.167).

A ênfase antropológica é também adotada por Antonio Viñao Frago que entende ser a cultura escolar “o conjunto dos aspectos institucionalizados que caracterizam a escola como organização”, o que inclui “práticas e condutas, modos de vida, hábitos e ritos – a história cotidiana do fazer escolar –, objetos materiais – função, uso, distribuição no espaço, materialidade física,

simbologia, introdução, transformação, desaparecimento ... –, e modos de pensar, bem como significados e idéias compartilhadas”.

Para Dominique Julia, a cultura escolar compreende “um conjunto de *normas* que definem saberes a ensinar e condutas a inculcar e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses saberes e a incorporação desses comportamentos, normas e práticas ordenadas de acordo com finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). Normas e práticas não podem ser analisadas sem que se leve em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas normas e, portanto, a pôr em ação dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores”.

Segundo Chervel, a escola fornece à sociedade uma cultura constituída de duas partes: os programas oficiais que explicitam sua finalidade educativa e os resultados efetivos da ação da escola que, no entanto, não estão inscritos nessa finalidade. Assim, para esse autor, cultura escolar é a cultura adquirida na escola e que encontra nela não somente seu modo de difusão, mas também sua origem.

A análise das faces entrelaçadas na abordagem da cultura escolar vem recorrendo a outro conceito – transposição didática –, cuja origem encontra-se nos trabalhos de Chevallard e que, com sua aplicação vai, pouco a pouco, deixando de enfatizar o método de ensino e recebendo, em decorrência, o acréscimo das áreas de História e de Sociologia da Educação, para refinar a compreensão do ensino escolarizado e suas implicações, numa vertente representada, principalmente, por Perrenoud.

Evidencia-se, assim, o vasto universo de investigação que se abre nesta perspectiva, tanto para as pesquisas qualitativas de caráter etnográfico realizadas no presente, quanto para as pesquisas históricas voltadas para a compreensão da vida cotidiana das escolas, especialmente aquelas dedicadas aos processos de apropriação dos modelos culturais em circulação no universo escolar. Nesse sentido, podemos destacar o texto indicativo de Azanha, *Cultura escolar brasileira: um programa de pesquisas* e os estudos históricos realizados por Viñao Frago, Escolano e Compère sobre o tempo e o espaço escolares. Nesta direção, outras possibilidades de estudo se descortinam: os rituais escolares (festas de encerramento do ano letivo, exposições escolares, dispositivos de avaliação, práticas de disciplinarização, punições e premiações, comemorações cívicas, desfiles

etc.), os objetos materiais (mobiliário escolar, lousa, cadernos, livros) e, ainda, o estudo da profissionalização docente ou do *habitus* profissional.

A pretensão desta coletânea, portanto, é contribuir para os estudos sobre cultura escolar, apresentando análises que têm fontes diferenciadas sobre práticas distintas, mas que confluem todas para a compreensão da complexidade da educação escolarizada e suas práticas. Nos estudos aqui reunidos, os livros e textos didáticos são fontes privilegiadas para a compreensão e a interpretação do conceito de cultura escolar. O livro escolar é objeto didático, mas também fonte de pesquisa histórica que permite revelar componentes do currículo escolar ao expressar valores, normas e conhecimentos próprios de uma época e de uma sociedade. Esse material didático, essencial na instrução escolarizada até os dias de hoje, articula um conjunto de saberes organizados, que consiste numa representação da cultura, com vistas a transmiti-lo aos leitores, que devem ser iniciados nesta mesma cultura. É com base nesse conjunto de dados que o texto de Rosa Lydia Teixeira Corrêa pode configurar o livro didático como “portador e revelador da cultura escolar” na medida em que, elaborado para difundir determinados valores e normas, é também registro e documento de um período, de uma sociedade, de uma instituição.

O livro escolar, além de suporte material do ensino, pode ser definido como um objeto cultural, dada a grande variedade de conotações presente em seu conteúdo. Assim sendo, a análise de “livros de leitura” para o ensino elementar, elaborada por Cátia Guidio de Oliveira e Rosa Fátima de Souza, demonstra que sob essa expressão há também um conjunto de conhecimentos variados que abrangem diferentes aspectos, como valores morais e cívicos a serem transmitidos e virtudes a serem cultivadas, hábitos desejáveis, novidades científicas e brincadeiras infantis. Esse estudo permite acrescentar aos aspectos já mencionados sobre o livro didático aquele de função auxiliar e essencial do ensino escolarizado.

Um tipo particular de livro didático – a cartilha – é tomado como objeto por Maria do Rosário Longo Mortatti para empreender a análise do conteúdo e, mais do que isso, para inquirir sobre sua real necessidade no ensino inicial da leitura. O artigo acompanha temas apresentados, métodos de ensino utilizados e a permanência do objetivo de possibilitar o acesso ao conhecimento, consignados ao ensino da leitura, durante um grande período da história da educação brasileira. Nesse estudo, a cartilha expõe “certo modo de pensar, sentir, querer e agir” que ultrapassa os limites da cultura escolar, irradiando-se para outras esferas da vida dos alunos.

O livro escolar elaborado sobre conteúdos específicos, no caso, *Noções de higiene* do médico Afrânio Peixoto, congrega as características de objeto didático, pois é utilizado na formação de professores, e as de divulgador de descobertas científicas. Mas no estudo realizado por Heloísa Helena Pimenta Rocha é fonte documental que permite à autora evidenciar a articulação existente entre higienização e modernização pedagógica, ou como a ciência é utilizada para fundamentar a proposição de novas práticas na escola, cuja organização final elucida representações existentes na sociedade sobre os agentes e sobre a instituição escolar.

O livro didático pode também ser tomado como documento que expressa outro elemento formador da cultura escolar, qual seja, o tipo de raciocínio privilegiado na formação intelectual das crianças. Tomados diferentes exemplares de manuais que têm por objetivo a utilização das "lições de coisas" na sala de aula, a análise comparativa permite evidenciar diferentes concepções sobre a utilização da ciência permeando as obras. Tais concepções materializadas como conteúdo e método de ensino vincularam-se a diferentes perspectivas sobre a sociedade, sua modernização e como encaminhá-la. Em outros termos, trata-se de acompanhar, no texto didático, o processo pelo qual concepções culturais em geral transformam-se em cultura escolar.

Mas os livros didáticos não são as únicas fontes para a caracterização da cultura escolar. Ao contrário, os artigos que têm no livro didático seu objeto privilegiado, encaminham sua interpretação justamente no sentido de desvendar práticas pedagógicas modeladoras de comportamento e construtoras de valores, que é também o tema analisado por Marcus Levy Albino Bencostta, focalizando um espaço instrutivo diferenciado: os seminários eclesiais de tradição tridentina. Nesse contexto, em que a formação desejada pode ser exercida diuturnamente sobre corpos e mentes de educandos, a cultura escolar emerge como definidora dos saberes eleitos como essenciais e de condutas e comportamentos que devem traduzir os valores religiosos transmitidos aos alunos.

O artigo de Rosa Fátima de Souza centraliza sua análise em práticas de natureza patriótica que reúnem ginástica e exercícios militares, escotismo e a criação dos Batalhões Infantis. Essas práticas registradas em fontes manuscritas e periódicos educacionais ocupam lugar tão importante na cultura escolar quanto o conteúdo expresso em livros e manuais didáticos, porque permitem evidenciar o processo pelo qual códigos, símbolos, normas de urbanização e civilidade e valores morais são transmitidos e

exercitados para a conquista da coesão social e da nacionalidade, nos moldes projetados pelos republicanos paulistas no início do século XX.

Como afirma Marie-Madeleine Compère, o questionamento do historiador é produzido pelo presente; trata-se de investigar e interpretar as práticas e os saberes escolares brasileiros do final do século XIX e início do século XX, a fim de construir referenciais que permitam a implementação de uma prática educacional mais consciente, pondo o olhar inquiridor em aspectos pouco observados. O diferencial entre os estudos sobre cultura escolar e outras abordagens históricas da educação consiste, principalmente, em sua força interpretativa que provém da agregação de conhecimentos de outros campos que confluem para uma compreensão mais rica, e provavelmente mais fiel, da vida escolar.

Araraquara, março de 2000
Vera Teresa Valdemarin
Rosa Fátima de Souza